

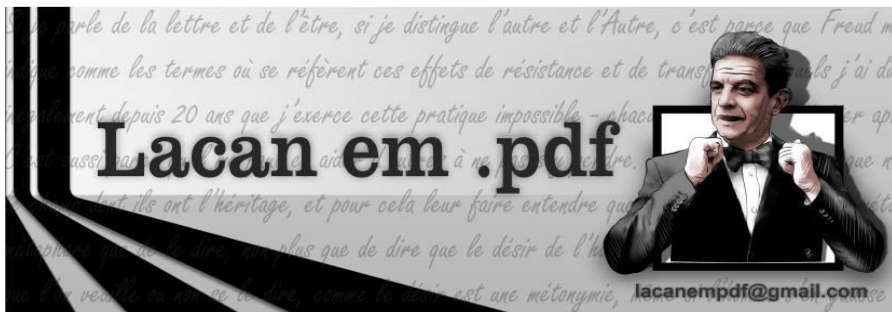
Seminário 27

Dissolução

(1980)

Dissolution





Versão bilíngue produzida por Lacan em .pdf

Fontes dos materiais em português:

As 6 primeiras aulas foram publicadas em:

Documentos para uma Escola, ano 1, nº 0, Escola Letra Freudiana, p.45-62

Última aula, *Seminário em Caracas* publicada em:

<https://oretornoalacan.blogspot.com/2014/04/seminario-de-caracas-venezuela-1980.html>

Fontes do material em francês:

6 primeiras aulas disponíveis em:

http://www.valas.fr/IMG/rtf/zzz-la_dissolution.rtf

Seminário em Caracas disponível em:

http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/27-D/12071980.htm

DISSOLUÇÃO

- . CARTA DE DISSOLUÇÃO
- . O OUTRO FALTA
- . D'ÉCOLAGE
- . SENHOR A.
- . LUZ !
- . O MAL-ENTENDIDO

+ Seminário em Caracas

CARTA DE DISSOLUÇÃO

Falo sem a menor esperança — de me fazer ouvir de forma especial.

Sei que o faço — acrescentando o que isso comporta de inconsciente.

Esta é a minha vantagem sobre o homem que pensa sem perceber que, primeiro, fala. Vantagem esta que só devo à minha experiência.

Porque no intervalo entre a palavra que ele desconhece e o que ele crê fazer pensamento, o homem se atrapalha, o que não é nada encorajador.

De maneira que o homem pensa sem firmeza, e com menos firmeza quanto mais se zanga... Justamente por atrapalhar-se.

Há um problema da Escola. Não é um enigma. Também, eu aí me oriento, não rápido demais.

Esse problema se demonstra como tendo uma solução: é a *dis*¹, a dissolução.

A ser entendida como a da Associação que dá estatuto jurídico a esta Escola.

Basta que um vá embora para que todos fiquem livres, é no meu nó borromeano, verdade de cada um, e em minha Escola é necessário que seja eu.

Decido-me porque se não me intrometesse ela funcionaria na contramão [à rebours] daquilo para o qual a fundei.

Ou seja, por um trabalho — já o disse — que, no campo aberto por Freud, restaura a lâmina cortante de sua verdade — que traz a praxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise para o dever que retorna a ele em nosso mundo — que, por meio de uma crítica assídua, denuncie os desvios e os compromissos que amortecem seu progresso, degradando sua utilização. Objetivo que mantenho.

É por isso que dissolvo. E não me queixo dos chamados “membros da Escola Freudiana” — antes lhes agradeço, por haver ensinado onde fracassei — quer dizer, me atrapalhei.

Esse ensinamento é precioso para mim. Eu o aproveito.

Dizendo de outra maneira, eu persevero [je persévère].

E chamo a associar-se uma vez mais, neste janeiro de 1980, aqueles que queiram prosseguir com Lacan.

Que o escrito de uma candidatura me faça conhecê-los o quanto antes. Dentro de dez dias, para pôr fim à fraqueza circundante, publicarei as primeiras adesões que tiver aceito como compromissos de “crítica assídua” daquilo que, em matéria de “desvios e compromissos”, a E.F.P. nutriu.

Demonstrando em ato que não dependerá deles que minha Escola seja Intuição, efeito de grupo consolidado, em detrimento do efeito de discurso

LETTRE DE DISSOLUTION

Je parle sans le moindre espoir - de me faire entendre notamment.

Je sais que je le fais - à y ajouter ce que cela comporte d'inconscient.

C'est là mon avantage sur l'homme qui pense et ne s'aperçoit pas que d'abord il parle. Avantage que je ne dois qu'à mon expérience.

Car dans l'intervalle de la parole qu'il méconnaît à ce qu'il croit faire pensée, l'homme s'embrouille, ce qui ne l'encourage pas.

De sorte que l'homme pense débile, d'autant plus débile qu'il enrage... justement de s'embrouiller.

Il y a un problème de l'École. Ce n'est pas une énigme. Aussi, je m'y oriento, point trop tôt.

Ce problème se démontre tel, d'avoir une solution : c'est la *dis* - la dissolution.

A entendre comme de l'Association qui, à cette École, donne statut juridique.

Qu'il suffise d'un qui s'en aille pour que tous soient libres, c'est, dans mon nœud borroméen, vrai de chacun, il faut que ce soit moi dans mon École.

Je m'y résous pour ce qu'elle fonctionnerait, si je ne me mettais en travers, à rebours de ce pour quoi je l'ai fondée.

Soit pour un travail, je l'ai dit - qui, dans le champ que Freud a ouvert, restaure le soc tranchant de sa vérité - qui ramène la praxis originale qu'il a instituée sous le nom de psychanalyse dans le devoir qui lui revient en notre monde - qui, par une critique assidue, y dénonce les déviations et les compromissions qui amortissent son progrès en dégradant son emploi. Objectif que je maintiens.

C'est pourquoi je dissous. Et ne me plains pas desdits « membres de l'École freudienne » - plutôt les remercie-je, pour avoir été par eux enseigné, d'où moi, j'ai échoué - c'est-à-dire me suis embrouillé.

Cet enseignement m'est précieux. Je le mets à profit.

Autrement dit, je persévère.

Et appelle à s'associer derechef ceux qui, ce janvier 1980, veulent poursuivre avec Lacan.

Que l'écrit d'une candidature les fasse aussitôt connaître de moi. Dans les 10 jours, pour couper court à la débilite ambiante, je publierai les adhésions premières que j'aurai agréées, comme engagements de « critique assidue » de ce qu'en matière de « déviations et compromissions » l'EFP a nourri.

Démontrant en acte que ce n'est pas de leur fait que mon École serait Institution, effet de groupe consolidé, aux dépens de l'effet de discours

(1) Jogo fonético entre *dis*, de *je dis* (eu digo), e a primeira sílaba da palavra *dissolution* (N.T.).

esperado da experiência, quando esta é freudiana. Sabemos o preço que teve o fato de Freud ter permitido que o grupo psicanalítico, apropriando-se de seu discurso, se transformasse em Igreja.

A Internacional, posto que este é seu nome, é apenas o sintoma do que Freud esperava dela. Mas não é ela que pesa. É a Igreja, a verdadeira, que sustenta o marxismo enquanto ele lhe dá sangue novo...com um sentido renovado. Por que não a psicanálise, quando esta dá uma virada no sentido?

Não digo isto com um vão intuito de ridicularizar. A estabilidade da religião provém do fato de o sentido ser sempre religioso.

Daí minha obstinação no meu caminho de matemas — que não impede nada, mas testemunha o que seria preciso para colocar o analista no passo de sua função.

Se eu persevero [*je père-sévère*]² é porque a experiência feita convoca uma contra-experiência que a compense.

Não preciso de muita gente. E há gente da qual eu não preciso.

Deixo-os no ar para que me mostrem o que sabem fazer além de obstruir-me e liquefazer um ensinamento no qual tudo foi examinado.

Agirão melhor os que admitirei comigo? Pelo menos poderão aproveitar a chance que lhes deixo.

A diretoria da E.F.P., como foi composta por mim, despachará os assuntos de rotina até que uma Assembléia extraordinária, que será a última, convocada no tempo que estipula a lei, proceda à devolução dos seus bens, que terão sido avaliados pelos tesoureiros, René Bailly e Solange Faladé.

Jacques Lacan
Guitrancourt, 05 de janeiro de 1980

attendu de l'expérience, quand elle est freudienne. On sait ce qu'il en a coûté, que Freud ait permis que le groupe psychanalytique l'emporte sur le discours, devienne Église.

L'Internationale, puisque c'est son nom, se réduit au symptôme qu'elle est de ce que Freud en attendait. Mais ce n'est pas elle qui fait poids. C'est l'Église, la vraie, qui soutient le marxisme de ce qu'il lui redonne sang nouveau... d'un sens renouvelé. Pourquoi pas la psychanalyse, quand elle vire au sens ?

Je ne dis pas ça pour un vain persiflage. La stabilité de la religion vient de ce que le sens est toujours religieux.

D'où mon obstination dans ma voie de mathèmes - qui n'empêche rien, mais témoigne de ce qu'il faudrait pour, l'analyste, le mettre au pas de sa fonction.

Si je père-sévère, c'est que l'expérience faite appelle contre-experience qui compense.

Je n'ai pas besoin de beaucoup de monde. Et il y a du monde dont je n'ai pas besoin.

Je les laisse en plan afin qu'ils me montrent ce qu'ils savent faire, hormis m'encombrer, et tourner en eau un enseignement où tout est pesé.

Ceux que j'admettrai avec moi feront-ils mieux ? Au moins pourront-ils se prévaloir de ce que je leur en laisse la chance.

Le Directoire de l'EFP, tel que je l'ai composé, expédiera ce qui se traîne d'affaires dites courantes, jusqu'à ce qu'une Assemblée extraordinaire, d'être la dernière, convoquée en temps voulu conformément à la loi, procède à la dévolution de ses biens, qu'auront estimés les trésoriers, René Bailly et Solange Faladé.

Jacques Lacan

Guitrancourt, ce 5 janvier 1980

(2) A homofonia com a frase anterior (*persévère*) aqui também pode ser lida assim “Se eu sou um pai severo, é porque a experiência feita...” (N.T.).

O OUTRO FALTA

Eu estou no trabalho do inconsciente.

O que ele me demonstra é que não há verdade para responder ao mal-estar que é particular a cada um daqueles que eu chamo seres-falantes [*parlêtres*].

Não há aí um impasse comum, pois nada permite supor que todos confluam.

O uso do-um, que só encontramos no significante, não funda em absoluto a unidade do real. Salvo para fornecer-nos a imagem do grão de areia. Não podemos dizer que, mesmo fazendo um montão, ele faça tudo. É preciso um axioma, ou seja, uma posição para dizê-lo tal.

Que possa ser contado, como diz Arquimedes, não é mais do que um signo do real, não de um universo qualquer.

Já não tenho mais Escola. Eu a desprovi do ponto de apoio (sempre Arquimedes) que tomei do grão de areia da minha enunciação.

Agora tenho um montão — um montão de gente que quer que eu os receba. Não vou fazer com eles um todo.

De jeito nenhum, não há todo [*pas de tout*].

Já disse que não preciso de muita gente, e é verdade — mas de que serve dizê-lo, se há muita gente que precisa de mim?

Que, pelo menos, crêem (precisar de mim). Que o crêem a ponto de me dizerem isso por escrito.

E por que eu também não o creria? Já que me incluo na conta dos otários [*dupes*], como todos sabem.

Não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento. Portanto é preciso que eu inove, pois falhei nesta Escola, fracassando ao não produzir seus Analistas (A.E.) à altura.

Qual, dentre os eleitos por meu júri de aprovação, eu teria aconselhado a votar em si mesmo se porventura se apresentasse hoje como passante?

Além disso, nada me apressa a refazer escola.

Mas “sem levar em conta as posições tomadas no passado com relação à minha pessoa” — citação de 1964 —, admito que se associe aquele que faça o mesmo, havendo declarado prosseguir comigo em termos que em minha opinião não o desmintam de antemão.

Nada permite prejudicar quem é quem, mas me remeto à experiência a ser feita, freudiana se for possível.

Assim como o célebre encontro dos apaixonados num baile na Ópera. Horror quando deixaram cair a máscara: não era ele, e tampouco ela.

Ilustração do meu fracasso nessa Heterança [*Hétérité*]³ — perdoem-me a

(3) Neologismo, criado possivelmente pela condensação de *hétéria* (heteria, sociedade secreta da antiga Grécia com fins políticos) e *hérédité* (herança, no sentido biológico, ou — em direito — a qualidade de herdeiro, direito que este tem à sucessão). Optamos, por isto, pela tradução de *hétérité* como heterança (N.T.).

L'Autre manque

Je suis dans le travail de l'inconscient.

Ce qu'il me démontre, c'est qu'il n'y a de vérité à répondre du malaise que particulière à chacun de ceux que j'appelle parlêtres.

Il n'y a pas là d'impasse commune, car rien ne permet de présumer que tous confluent.

L'usage de l'un que nous ne trouvons que dans le signifiant ne fonde nullement l'unité du réel. Sauf à nous fournir l'image du grain de sable. On ne peut dire que, même à faire tas, il fasse tout. Il y faut un axiome, soit une position de le dire tel.

Qu'il puisse être compté, comme le dit Archimède, n'est là que signe du réel, non d'un univers quelconque.

Je n'ai plus d'École. Je l'ai soulevée du point d'appui (toujours Archimède) que j'ai pris du grain de sable de mon énonciation.

Maintenant j'ai un tas - un tas de gens qui veulent que je les prenne. Je ne vais pas en faire un tout.

Pas de tout.

Je n'ai pas besoin de beaucoup de monde, ai-je dit, et c'est vrai - mais à quoi bon le dire, s'il y a beaucoup de monde qui a besoin de moi ?

Au moins, qui le croit (avoir besoin de moi). Qui le croit assez pour me le dire par écrit.

Et pourquoi ne le croirais-je pas, moi aussi ? Puisque je me compte au nombre des dupes, comme chacun sait.

Je n'attends rien des personnes, et quelque, chose du fonctionnement. Donc, il faut bien que j'innove, puisque cette École, je l'ai loupée, d'avoir échoué à produire des Analystes d'icelle (A.E.) qui soient à la hauteur.

Auquel des élus de mon jury d'agrément aurais-je conseillé de voter pour lui-même si d'aventure il s'y était, au titre de passant, aujourd'hui présenté ?

Aussi point ne me hâte de refaire école.

Mais, « *sans que je tienne compte des positions prises dans le passé à l'endroit de ma personne* » - citation de 1964, - celui qui, m'ayant déclaré poursuivre avec moi, le fait en des termes qui à mon gré ne le démentent point par avance, je l'admets à s'associer à celui qui fait de même.

Qui est qui, point ne préjuge, mais m'en remets à l'expérience à faire, freudienne s'il se peut.

Tel le rendez-vous célèbre des amoureux lors d'un bal à l'Opéra. Horreur quand ils laissèrent glisser leur masque : ce n'était pas lui, elle non plus d'ailleurs.

Illustration de mon échec à cette Hétérité, - pardonne m'en

Híbris⁴ — que me decepcionou o bastante para que eu lance o enunciado de que não há relação sexual⁵.

Freud parte de sua causa⁶ fálica para daí deduzir a castração. O que necessariamente deixa arestas, que eu me ocupo de aparar.

Ao contrário do que se diz, “a” mulher — me atrevo a dizê-lo porque ela não existe — não está privada do gozo fálico.

Ela não o tem menos que o homem ao qual se prende seu instrumento (*organon*). Por pouco dotada que ela seja (pois reconhecemos que é escasso), não obtém menos efeito daquilo que limita a outra borda desse gozo, a saber, o inconsciente irreduzível).

É por isso que “as” mulheres — elas sim existem — são as melhores analistas. Às vezes as piores.

Sob a condição de não aturdir-se em absoluto por uma natureza anti-fálica, da qual não existem rastros no inconsciente, elas podem escutar o que desse inconsciente não se consegue dizer, mas adjaz [*attient*] a isso que se elabora, propondo-lhes o gozo propriamente fálico.

O Outro falta. Isso me parece engraçado. Resisto ao golpe, no entanto, o que os espanta: mas não o faço para isso.

Por outro lado, aspiro pelo dia em que o mal-entendido, vindo de vocês, me espantará a tal ponto que ficarei comovido a ponto de não poder resistir mais.

Se ocorre que eu me vá, digam que é a fim — de ser, enfim, Outro.

Podemos contentar-nos com ser Outro, como todo mundo, após uma vida passada a querer sê-lo, apesar da Lei.

15 de janeiro de 1980

O texto deste seminário foi publicado no número do Le Monde de 26 de janeiro de 1980, precedido da seguinte carta:

CARTA AO JORNAL “LE MONDE”

Remeto ao *Monde* o texto desta carta, junto com o meu seminário do dia 15, esperando que o publiquem na íntegra.

Para que se saiba que ninguém aprendeu junto a mim nada de que possa vangloriar-se.

Sim, o psicanalista sente *horror* do seu ato. A tal ponto que o nega, e denega, e renega — e amaldiçoa aquele que o faz lembrar, Lacan Jacques, para

(4) *Híbris* (gr.): Desmesura, insolência, abuso, violência, personificação da violência (N.T.).

(5) *Rapport sexuel*: além de relação, *rapport* pode ser usado também como: relato, ou correlação, proporção, etc... (N.T.).

(6) *Cause*: termo que adquire relevância pela convocação à *Cause Freudienne*, logo após a dissolução da E.F.P.. Pode remeter, como “causa” em português, às significações: origem, motivo, ação judicial, partido ou interesse (como em “causa política”), além de vincular-se com o verbo *causer* (fr.): tagarelar (N.T.).

L'Ubris -qui m'a déçu assez pour que je m'en délivre de l'énoncé qu'il n'y a pas de rapport sexuel.

Freud, lui, part de sa cause phallique, pour en déduire la castration. Ce qui ne va pas sans bavures, que je m'emploie à éponger.

Contrairement à ce qui se dit, de la jouissance phallique, « la » femme, si j'ose dire puisqu'elle n'existe pas, n'en est pas privée.

Elle ne l'a pas moins que l'homme à quoi s'accroche son instrument (*organon*). Si peu qu'elle-même en soit pourvue, (car reconnaissons que c'est mince), elle n'en obtient pas moins l'effet de ce qui en limite l'autre bord de cette jouissance, à savoir l'inconscient irréductible.

C'est même en cela que « les » femmes, qui, elles existent, sont les meilleures analystes - les pires à l'occasion.

C'est à la condition de ne point s'étourdir d'une nature antiphallique, dont il n'y a pas trace dans l'inconscient, qu'elles peuvent entendre ce qui de cet inconscient ne dent pas à se dire, mais atteint à ce qui s'en élabore, comme leur procurant la jouissance proprement phallique.

L'Autre manque. Ça me fait drôle à moi aussi. Je tiens le coup pourtant, ce qui vous épate, mais je ne le fais pas pour cela.

Un jour d'ailleurs auquel j'aspire, le malentendu m'épatera tant de venir de vous que j'en serai pathique au point de n'y plus tenir.

S'il arrive que je m'en aille, dites-vous que c'est afin - d'être Autre enfin.

On peut se contenter d'être Autre comme tout le monde, après une vie passée à vouloir l'être malgré la Loi.

15 janvier 1980

Le texte de ce séminaire est paru dans le numéro du Monde daté du 26 janvier 1980, précédé de la lettre suivante (voir au verso).

Lettre au journal « le Monde »

Je remets au *Monde* le texte de cette lettre, avec mon séminaire du 15, s'il veut bien le publier entier.

Afin qu'il se sache que nul n'a auprès de moi appris rien, de s'en faire valoir.

Oui, le psychanalyste a *horreur* de son acte. C'est au point qu'il le nie, et dénie, et renie - et qu'il maudit celui qui le lui rappelle, Lacan Jacques, pour

não nomeá-lo, e até denunciar Jacques-Alain Miller, odioso por se demonstrar como ao-menos-um que o lê. Sem mais considerações que as devidas aos "analistas" estabelecidos.

Meu passe os pegou tão tarde que eu já não tenho nada que valha? Ou é por haver confiado o cuidado a quem dá testemunho de não haver percebido nada da estrutura que o motiva?

Que os psicanalistas não chorem por aquilo de que eu os alivio. A experiência, não a abandono. O ato, dou-lhes a chance de fazer-lhe frente.

24 de janeiro de 1980
Jacques Lacan

ne pas le nommer, voire clame haro sur Jacques-Alain Miller, odieux de se démontrer l'au-moins-un à le lire. Sans plus d'égards qu'il faut aux « analystes » établis.

Ma passe les saisit-elle trop tard, que je n'en aie rien qui vaille ? Ou est-ce d'en avoir confié le soin à qui témoigne n'avoir rien aperçu de la structure qui la motive ?

Que les psychanalystes ne pleurent pas ce dont je les allège. L'expérience, je ne la laisse pas en plan. L'acte, je leur donne chance d'y faire face.

Le 24 janvier 1980

Jacques Lacan

D'ÉCOLAGE⁷

Eis-me aqui: um homem coberto de cartas.

Meu companheiro Drieu era, ou achava que era, o homem coberto de mulheres — a ponto de intitular assim um de seus romances.

Título com o qual me denominaram meus colegas de plantão — eu tinha só duas (mulheres) cuidando de mim, como todo mundo, e discretamente eu lhes peço que o creiam.

Levei a sério essas cartas. Quero dizer: peguei uma por uma, como se faz com as mulheres, e fiz minha lista.

Cheguei ao final desse montão.

Há pessoas que se queixam de que as esqueci. É possível. Que se dirijam a Glória.

Acertei no milhar [*j'ai tapé dans le mille*]⁸, e mais ainda.

Mas é preciso estabelecer uma diferença entre essas mil. Posto que uns ficam de luto por uma Escola e outros não.

O luto é um trabalho, é o que se lê em Freud. É este que eu peço àqueles que, da Escola, queiram ficar comigo para a Causa Freudiana.

A esses escrevi uma carta ontem à noite. Já vão recebê-la.

Eis o que lhes digo:

“*Delenda est*”⁹. Dei o passo, daqui para a frente irreversível, de dizê-lo.

Como o demonstra o fato de que, retornando aí, só encontramos o grudar-se — onde eu fiz menos Escola...que cola [*École...que colle*].

Ela está dissolvida a partir do fato do meu dito. Resta que o seja a partir do seu também.

Faltando isso, a sigla que têm de mim — E.F.P. — cai em mãos de verdadeiros falsários.

Desfazer a manobra recai sobre aqueles da Escola que eu reuni neste sábado.

Creiam-me: não admitirei que ninguém se divirta com a Causa Freudiana, salvo que esteja seriamente descolarizado [*d'écólé*]¹⁰.”

Assinei isto ontem, 10 de março.

D'Écolage

Me voilà l'homme couvert de lettres.

Mon camarade Drieu, lui, était, ou se croyait, l'homme couvert de femmes, au point d'en faire le titre d'un de ses romans.

Titre dont me dénommèrent mes camarades de salle de garde - alors que je n'en avais que deux (femmes) comme tout le monde, à s'occuper de moi, et discrètement je vous prie de le croire.

Ces lettres, je les ai prises au sérieux. Je veux dire : je les ai prises une par une, comme il se fait des femmes, et j'ai fait ma liste.

Je suis venu à bout de ce tas.

Il y a des personnes qui se plaignent que je les ai oubliées. C'est bien possible. Qu'elles s'adressent à Gloria.

J'ai tapé dans le mille, et plutôt davantage.

Mais Ū faut bien qu'entre ces mille je mette une différence. Puisque les uns ont *deuil* à faire d'une École dont les autres n'ont que faire.

Le deuil est un travail, c'est ce qui se lit dans Freud. C'est celui que je demande à ceux qui, de l'École, veulent rester avec moi pour la Cause freudienne.

A ceux-là j'ai écrit une lettre pas plus tard qu'hier soir. Ils vont la recevoir.

Voilà ce que je leur dis :

Delenda est. J'ai fait le pas de le dire, dès lors irréversible.

Comme le démontre qu'à y revenir on ne trouve qu'à s'engluer - où j'ai moins fait École... que colle.

Dissoute, elle l'est, du fait de mon dit. Reste à ce qu'elle le soit *du vôtre* aussi.

Faute de quoi le sigle que vous tenez de moi - EFP - tombe aux mains de faussaires avérés.

Déjouer la manœuvre revient à ceux de l'École que je réunis ce samedi.

Qu'on m'en croie : je n'admettrai personne à s'ébattre dans la Cause freudienne, que sérieusement *d'écôle*.

J'ai signé ça hier, le 10 mars.

(7) A partir do título, e em todo o texto do seminário, Lacan joga com a homofonia entre *d'écologie* (neologismo derivado de école, que optamos por traduzir como descolarização), e *decollage* (descolagem, ou ainda: decolagem). Não escapará ao leitor que o jogo gira em torno da dissolução da *École*, da qual Lacan se “desgruda” e “sal voando” (N.T.).

(8) A expressão francesa, usada geralmente como o nosso “adivinhei certinho”, alude aqui também à quantidade de cartas recebidas (N.T.).

(9) Latim: de *Delenda est Cartago* (Catargo deve ser destruída). Frase com que Catão terminava seus discursos durante o confronto entre Catargo e Roma (N.T.).

(10) No sentido de despojado dos vícios da *École*. Em leitura oral também pode ser entendido como: “salvo que tenha se desgrudado, seriamente”, ou ainda: “que haja decolado seriamente” (N.T.).

Também assim é a falha de Freud, a de haver deixado os analistas sem recursos, e, por outro lado sem outra necessidade senão a de sindicalizar-se.

Eu tentei inspirar-lhes outro anseio, o de ex-sistir. E aí triunfei. Isto é marcado pelas precauções com que se contorce o retorno à trilha.

O que não é verdade para todos, posto que há gente suficiente para seguir meu rastro, e subsistir através de um laço social jamais surgido até o presente.

Que outro fato pode ser prova de minha formação senão o de acompanhar-me no trabalho, pois trata-se de um, da dissolução?

Eles devem agora contar-se.

Dirijo-me aos outros, que não têm que fazer esse trabalho por não terem participado da minha Escola — sem que por isso não se possa dizer que não tenham sido também intoxicados.

Com eles, sem demora, dou partida à Causa Freudiana — e restauro em seu favor o órgão de base retomado da fundação da Escola — ou seja, o cartel — do qual, feita a experiência, aprimoro a formalização.

Primeiro — Quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter seu produto. Preciso: um produto próprio de cada um, e não coletivo.

Segundo — A conjunção dos quatro se faz ao redor de um Mais-Um [Plus-Un] que, se é qualquer um, deve ser alguém. Será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração.

Terceiro — Para prevenir o efeito de cola [*de colle*]¹¹, deve-se realizar a permutação no prazo estabelecido de um ano, no máximo dois.

Quarto — Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises do trabalho.

Quinto — O sorteio assegurará a renovação regular dos limites demarcados com o fim de vetorizar o conjunto.

A Causa Freudiana não é Escola, e sim Campo — onde cada um terá liberdade para demonstrar o que faz com o saber que a experiência decanta.

Campo que os da E.F.P. reencontrarão desde que tenham se desembaraçado daquilo que atualmente os incomoda mais do que eu.

Abrevio aqui a regulagem necessária para a partida.

Porque é preciso que eu termine com o mal-entendido, as mulheres de que disse, no meu último seminário, não estarem privadas do gozo fálico.

Imputaram-me pensar que são homens. Eu os interrogo um pouquinho.

O gozo fálico não as aproxima dos homens, antes as afasta, posto que esse gozo é obstáculo para acasalá-las com o sexuado da outra espécie.

Desta vez, previno o mal-entendido sublinhando que isso não quer dizer que elas não possam ter, com um só — escolhido por elas — a satisfação verdadeira: fálica.

Aussi bien est-ce la faute à Freud, d'avoir laissé les analystes sans recours, et d'ailleurs sans autre besoin que de se syndiquer.

Moi, j'ai essayé de leur inspirer une autre envie, celle d'ex-sister. Là, j'ai réussi. Cela se marque aux précautions dont se contorsionne le retour dans l'ornière.

Ce qui n'est pas vrai de tous, puisqu'il y en a suffisamment pour suivre mon frayage, à subsister d'un lien social jamais sorti jusqu'à présent.

Quoi d'autre fait preuve de ma formation que de m'accompagner dans le travail, car c'en est un, de la dissolution ?

Ils ont maintenant à se compter.

J'en viens aux autres, qui, ce travail, n'ont pas à le faire, pour n'avoir pas été de mon École - sans qu'il se puisse dire qu'ils n'en aient pas été intoxiqués.

Avec eux, sans délai, je démarre la Cause freudienne - et restaure en leur faveur l'organe de base repris de la fondation de l'École, soit le cartel, dont, expérience faite, j'affine la formalisation.

Premièrement - Quatre se choisissent, pour poursuivre un travail qui doit avoir son produit. Je précise : produit propre à chacun, et non collectif.

Deuxièmement - La conjonction des quatre se fait autour d'un Plus-Un, qui, s'il est quelconque, doit être quelqu'un. A charge pour lui de veiller aux effets internes à l'entreprise, et d'en provoquer l'élaboration.

Troisièmement - Pour prévenir l'effet de colle, permutation doit se faire, au terme fixé d'un an, deux maximum.

Quatrièmement - Aucun progrès n'est à attendre, sinon d'une mise à ciel ouvert périodique des résultats comme des crises du travail.

Cinquièmement - Le tirage au sort assurera le renouvellement régulier des repères créés aux fins de vectorialiser l'ensemble.

La Cause freudienne n'est pas École, mais Champ - où chacun aura carrière de démontrer ce qu'il fait du savoir que l'expérience dépose.

Champ que ceux de l'EFP rejoindront dès qu'ils se seront délestés de ce qui maintenant les encombre plus que moi.

J'abrège ici la mise au point nécessaire à la mise en train. Car il faut que je termine sur le malentendu, des femmes que j'ai dites à mon dernier séminaire n'être pas privées de la jouissance phallique.

On m'impute de penser que ce sont des hommes. Je vous demande un peu.

La jouissance phallique ne les rapproche pas des hommes, les en éloigne plutôt, puisque cette jouissance est obstacle à ce qui les apparie au sexué de l'autre espèce.

Je préviens cette fois le malentendu, en soulignant que ça ne veut pas dire qu'elles ne puissent avoir, avec un seul, choisi par elles, la satisfaction véritable — phallique.

(11) Oralmente, também pode ser entendido como: efeito da escola [*d'école*] (N.T.)

Satisfação que se situa em seu ventre. Mas parecendo responder à palavra do homem.

Por isso é preciso que ela caia bem. Que ela caia sobre o homem que lhe fale segundo o seu fantasma fundamental, o dela.

Ela consegue efeito de amor algumas vezes, e de desejo, sempre.

Isso não ocorre tão freqüentemente. E quando ocorre não faz relação [*rapport*] na medida em que, escrito, seja ratificado no real.

Disso que chamei a não-relação [*non rapport*], Freud tinha a idéia, apesar de sua redução do genital ao fato da reprodução.

Não será, com efeito, o que ele articula sobre a diferença entre a pulsão que chama fálica e aquela que ele pretende que subsiste do genital?

Teria ele percebido o dualismo sem a experiência, em que estava, da psicanálise?

O gozo fálico é justamente aquele que consome o analisante.

Pois bem. Deixo-os.

Gostaria de que me fizessem perguntas. Façam-nas por escrito. Enviem-nas a mim. Eu as responderei na semana que vem, se elas valerem a pena.

Na semana que vem também lhes direi como trabalha isso — a dissolução.

11 de março de 1980.
Jacques Lacan

Satisfaction qui se situe de leur ventre. Mais comme répondant à la parole de l'homme.

Il faut pour ça qu'elle tombe bien. Qu'elle tombe sur l'homme qui lui parle selon son fantasma fondamental, à elle.

Elle en tire effet d'amour quelquefois, de désir toujours.

Ça n'arrive pas si souvent. Et quand ça arrive, ça ne fait pas rapport pour autant, écrit, soit entériné dans le réel.

De ce que j'ai appelé le non-rapport, Freud avait l'idée, malgré sa réduction du génital au fait de la reproduction.

N'est-ce pas, en effet, ce qu'il articule de la différence de la pulsion qu'il dit phallique à celle qu'il prétend subsister du génital ?

En aurait-il aperçu le dualisme sans l'expérience, où il était, de la psychanalyse?

La jouissance phallique est celle justement que consomme l'analysant.

Voilà. Je vous quitte.

J'aimerais qu'on me pose des questions. Qu'on me les pose *par écrit*. Qu'on me les envoie. J'y répondrai la semaine prochaine, si elles en valent la peine.

La semaine prochaine, aussi, je vous dirai comment ça travaille, la dissolution.

11 mars 1980
Jacques Lacan

Senhor A.

O senhor A., filósofo, que apareceu não sei de onde sábado passado para apertar-me a mão, fez ressurgir para mim um título de Tristan Tzara.

É da época Dada, ou seja, nada da futilidade que começou com *Littérature* — revista à qual não forneci nem uma linha.

É imputado a mim de boa vontade um surrealismo que está longe de ser de meu agrado. Provei isto só contribuindo a ele de forma lateral, e muito tardiamente, para deixar zangado André Breton. Devo dizer que Éluard me enternecia

O Senhor A. não me enternece, pois me fez recordar o título: *Senhor Aa., anti-filósofo*.

Isso me deixou estupefacto.

Então, quando dei a Tzara, que se alojava na mesma casa que eu, na rua de Lille No.5, *A Instância da Letra*, ele não lhe prestou grande atenção. Eu achava no entanto, estar dizendo algo que devia interessar-lhe.

Pois bem: nem um pouco. Vejam só como a gente se engana.

Tzara só delirava com Villon. E assim mesmo desconfiava desse delírio.

Eu não tinha a menor necessidade de que ele delirasse sobre mim. Já havia bastante gente que fazia isso. O que ainda continua.

Como não estiveram todos vocês comigo no sábado e no domingo, porque graças a Deus não são todos da minha pobre Escola, não têm idéia de até onde pode chegar o delírio sobre mim.

O que me dá esperança é o fato de Tzara ter deixado François Villon cair assim como, por outro lado, a mim também.

Esse Senhor A. é anti-filósofo. É o meu caso.

Eu me insurjo, se posso dizer assim, contra a filosofia. Estou seguro que é uma coisa acabada. Mesmo esperando que ressurgisse um broto dali.

Esses ressurgimentos sucedem freqüentemente nas coisas acabadas. Olhem esta Escola aqui-acabada: até este momento, havia juristas que se tornaram analistas; agora, vira-se jurista por não haver-se tornado analista.

Inclusive juristas de meia-tijela, como não lhes mandou dizer Pierre Legendre.

É necessário que eu precise? Não sonho em absoluto em dissolver a Escola Normal Superior, onde numa época encontrei a melhor acolhida.

Meu raio¹² caiu bem ao lado, na rua Clude Bernard, onde instalei, sobre seus móveis, a minha Escola.

Monsieur A.

Monsieur A., philosophe, qui a surgi de je ne sais où pour me serrer la pince samedi dernier, m'a fait ressurgir un titre de Tristan Tzara.

Ça date de Dada, c'est-à-dire pas des ronds de jambe qui commencent à «Littérature» - revue à laquelle je n'ai pas donné une ligne.

On m'impute volontiers un surréalisme qui est loin d'être de mon humeur. Je l'ai prouvé à n'y contribuer que latéralement, et très sur le tard, pour taquiner André Breton. Je dois dire qu'Éluard m'attendrissait.

Monsieur A., lui, ne m'attendrit pas, puisqu'il m'a fait revenir le titre : *Monsieur Aa, l'antiphilosophe*.

Ça, ça m'en a bouché un coin.

Alors que, quand j'ai passé à Tzara qui logeait dans la même maison que moi, au 5 rue de Lille, *l'Instance de la lettre*, ça ne lui a fait ni chaud, ni froid. Je croyais quand même dire quelque chose qui prêtait à l'intéresser.

Eh bien, pas du tout. Vous voyez comme on se trompe.

Tzara ne délirait que sur Villon. Il se méfiait tout de même de ce délire.

Qu'il délire sur moi, je n'en avais nul besoin. Il y en avait déjà assez qui faisaient ça. Et ça dure encore.

Comme vous n'étiez pas tous avec moi samedi et dimanche, parce que vous n'êtes pas tous, Dieu merci, de ma pauvre École, vous n'avez pas idée de jusqu'où ça va, le délire sur moi.

Ce qui me donne de l'espoir, c'est que Tzara a fini par le laisser tomber, François Villon, tout comme moi d'ailleurs.

Ce Monsieur Aa est antiphilosophe. C'est mon cas.

Je m'insurge, si je puis dire, contre la philosophie. Ce qui est sûr, c'est que c'est une chose finie. Même si je m'attends à ce qu'en rebondisse un rejet.

Ces rebondissements surviennent souvent avec les choses finies. Regardez cette École archi-finie : jusqu'à présent, il y avait là des juristes devenus analystes, eh bien maintenant, on devient juriste faute d'être devenu analyste.

Et encore, juriste à la manque, comme Pierre Legendre ne leur a pas envoyé dire.

Faut-il que je précise ? Je ne songe pas du tout à dissoudre l'École Normale Supérieure, où j'ai trouvé un temps le meilleur accueil.

Ma foudre est tombée juste à côté, rue Claude-Bernard, où j'avais installé la mienne d'École, dans ses meubles.

(12) *Ma foudre*: alusão ao raio de Júpiter, atributo do Deus e sua arma, lançada em momentos de cólera contra quem provocava a sua fúria (N.T.).

A Causa Freudiana não tem outro móvel a não ser minha caixa de correio. Indigência que tem muitas vantagens: ninguém pede para fazer um seminário na minha caixa de correio.

É preciso que inove, disse — salvo que acrescentando: *não sozinho*.

Vejo isto assim : *que cada um ponha aí algo de seu*.

Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois dissolvam-se para fazer outra coisa.

Trata-se de que a Causa Freudiana escape do efeito de grupo que eu lhes denuncio. De onde se deduz que ela só durará pelo aspecto *temporário* — quero dizer: se se desligam antes de ficarem grudados irremediavelmente.

Isso não requer grande coisa:

— uma *caixa de correio*, ver acima;

— um *correio* que faça saber o que, nessa caixa, se propõe como trabalho;

— um *congresso*, ou melhor, um *fórum* onde isso se intercambia;

— enfim, a *publicação* inevitável, para o arquivo.

Também é necessário que, com isso, eu instaure um turbilhão, um movimento em hélice que lhes seja propício.

Isto, ou o grude assegurado.

Vejam como coloco isto através de pequenos toques. Dou-lhes seu tempo para compreender.

Compreender o quê? Eu não me gabo de fazer sentido. Tampouco do contrário. Pois o real é o que se opõe a isso.

Prestei homenagem a Marx como inventor do sintoma. Marx é, no entanto, o restaurador da ordem pelo simples fato de ter reinsuflado no proletariado a dimensão [*dit-mension*]¹³ do sentido. Para isso, foi suficiente que ele denominasse como tal o proletariado.

A Igreja tirou daí o exemplo, foi o que lhes disse no dia 5 de janeiro. Saibam que o sentido religioso vai ter um *boom* do qual vocês não têm a menor idéia. Porque a religião é a moradia original do sentido. Isto é uma evidência que se impõe. Aos que são responsáveis na hierarquia mais que aos outros.

Tento opor-me a isso para que a psicanálise não seja uma religião, como é sua tendência irresistível desde o momento em que se imagina que a interpretação não opera a não ser pelo sentido. Eu ensino que a sua mola-mestra está alhures, especificamente no significante como tal.

A isso resistem aqueles aos quais a dissolução provoca pânico.

A hierarquia só se sustenta por gerir o sentido. É por isso que eu não dou um empurrãozinho a qualquer responsável, na Causa Freudiana. É com o turbilhão, com a hélice que eu conto. E, devo dizê-lo, com os recursos de doutrina acumulados em meu ensino.

La Cause freudienne, elle, n'a pas d'autre meuble que ma boîte aux lettres. Dénuement qui a beaucoup d'avantages : personne ne demande à faire séminaire dans ma boîte aux lettres.

Il faut que j'innove, ai-je dit - sauf à rajouter que : *pas tout seul*.

Je vois ça comme ça : *que chacun y mette du sien*.

Allez-y. Mettez-vous à plusieurs, collez-vous ensemble le temps qu'il faut pour faire quelque chose, et puis dissolvez-vous après pour faire autre chose.

Il s'agit que la Cause freudienne échappe à l'effet de groupe que je vous dénonce. D'où se déduit qu'elle ne durera que par *le temporaire*, je veux dire - si on se délie avant de se coller à ne plus pouvoir en revenir.

Ça ne demande pas grand-chose :

- *une boîte aux lettres*, voir plus haut,

- *un courrier*, qui fait savoir ce qui, dans cette boîte, se propose comme travail,

- *un congrès*, ou mieux, *un forum* où ça s'échange,

- enfin, *la publication* inévitable, à l'archive.

Aussi bien faut-il avec ça que j'instaure un tourbillon qui vous soit propice.

C'est ça, ou la colle assurée.

Voyez comme je pose ça par petites touches. Je vous laisse votre temps pour comprendre.

Comprendre quoi ? Je ne me targue pas de faire sens. Pas du contraire non plus. Car le réel est ce qui s'oppose à ça.

J'ai rendu hommage à Marx comme à l'inventeur du symptôme. Ce Marx est pourtant le restaurateur de l'ordre, du seul fait qu'il a reinsuflé dans le prolétariat la dit-mension du sens. Il a suffi pour ça que le prolétariat, il le dise tel.

L'Église en a pris de la graine, c'est ce que je vous ai dit le 5 janvier. Sachez que le sens religieux va faire un boom dont vous n'avez aucune espèce d'idée. Parce que la religion, c'est le gîte originel du sens. C'est une évidence qui s'impose. A ceux qui sont responsables dans la hiérarchie plus qu'aux autres.

J'essaye d'aller là contre, pour que la psychanalyse ne soit pas une religion, comme elle y tend, irrésistiblement, dès lors qu'on s'imagine que l'interprétation n'opère que du sens. J'enseigne que son ressort est ailleurs, nommément dans le signifiant comme tel.

A quoi résistent ceux que la dissolution paniquent.

La hiérarchie ne se soutient que de gérer le sens. C'est pourquoi je ne mets aucun responsable en selle sur la Cause freudienne. C'est sur le tourbillon que je compte. Et, je dois le dire, sur les ressources de doctrine accumulées dans mon enseignement.

(13) Jogo de palavras em torno da homofonia entre *dimension* (dimensão); *dit mansion* (mansão do dito); e *dit-mention*, (dita menção) (N. T.).

Volto às perguntas que, a meu pedido, me foram feitas.

Não vejo porque eu teria objeções a que se formem cartéis da Causa Freudiana em Quebec. Preciso: com a única condição de que se notifique por correio à dita Causa.

O Mais-Um [*Plus-Un*] se sorteia? — me pergunta Pierre Soury, a quem respondo que não, os quatro que se associam o escolhem.

Ele me escreve também o seguinte:

“Para os mil da Causa Freudiana, os cartéis se formarão a princípio por escolha mútua e, depois, por uma redistribuição geral, voltarão a formar-se por sorteio no interior do grande conjunto. O que implica que, entre mil, qualquer um pode ser levado a colaborar, num pequeno grupo, com qualquer outra pessoa”.

Eu lhe assinalo que não foi isso que disse, já que, desses mil, que por outro lado são mais, eu só convido por enquanto a formar cartéis os *não-membros* da Escola. Então, nada de “grande conjunto”. E não implica um sorteio geral — mas somente em compor as instâncias provisórias que serão as referências do trabalho.

Dito isto, felicito Soury por formular a colaboração na Causa Freudiana de qualquer um com qualquer um. É exatamente o que se trata de obter, mas com uma condição: que isso também se agite em turbilhão. ◀

Outra pessoa se inquieta por saber o que quer dizer precisamente ser um A.E. à altura. É um A.E. quem me pergunta. Pois bem, que releia a minha *Proposição* de outubro de 1967. Verá que isso implica pelo menos que ela seja aberta.

Outra pessoa ainda me pede para articular a relação do que denominei grude [*la colle*] com o que Freud chama de fixação a propósito do recalque. Por outro lado, é uma pessoa que não se contenta em enviar-me essa pergunta — também anexou textos. Na verdade, não os enviou: deixou-os ontem na minha casa.

Trata-se de Christiane Rabant, que ficou comovida, disse, pelo que me ocorreu articular a propósito da carta de amor.

O que é fixado? É o desejo, que por estar preso no processo do recalque, se conserva em uma permanência que equivale à indestrutibilidade.

Este é um ponto sobre o qual chegamos até o fim, sem dar o braço a torcer.

Nisso, o desejo se diferencia totalmente da mobilidade do afeto.

A perversão é aí bastante indicativa, pois a mais simples fenomenologia põe em total evidência a constância dos fantasmas privilegiados.

No entanto, se bem que ela nos mostre o caminho desde os primórdios dos tempos, não nos abre a entrada, pois foi preciso Freud.

Foi preciso que Freud descobrisse primeiro o inconsciente para que viesse ordenar sobre essa via o catálogo descritivo desses desejos, em outras palavras: a sorte das pulsões — como traduzo *Tribschicksale*¹⁴.

Trata-se de formalizar [*mettre en forme*] o vínculo dessa fixação do desejo com os mecanismos do inconsciente.

J'en viens aux questions qu'à ma demande on m'a posées.

Je ne vois pas pourquoi j'aurais des objections à ce qu'il se forme des cartels de la Cause freudienne au Québec. Je précise: à la seule condition qu'on le notifiera au courrier de ladite Cause.

Le Plus-Un est-il tiré au sort? — me demande Pierre Soury, à qui je répons que *non*, les quatre qui s'associent le choisissent.

Il m'écrivit aussi ceci que je vous lis:

« Pour les mille de la Cause freudienne, des cartels se formeront au départ par choix mutuel et ensuite, par une redistribution générale, se reformeront par tirage au sort au sein du grand ensemble. Ce qui implique que, parmi les mille, n'importe qui peut être amené à collaborer en petit groupe avec n'importe quelle autre personne ».

Je lui fais remarquer que ce n'est pas ce que j'ai dit, puisque de ces mille, qui sont d'ailleurs davantage, je n'invite pour l'instant à se former en cartels que les *non-membres* de l'École. Donc, pas de « grand ensemble ». Et je n'implique pas de tirage au sort général, mais seulement pour composer les instances provisoires qui seront les repères du travail.

Ceci dit, je félicite Soury de formuler la collaboration dans la Cause de n'importe qui avec n'importe qui. C'est bien en effet ce qu'il s'agit d'obtenir, mais à terme: que ça tourbillonne ainsi.

Quelqu'un d'autre s'inquiète de ce que ça veut dire précisément, d'être un A.E. à la hauteur. C'est un A.E. qui me le demande. Eh bien, qu'il relise ma *Proposition* d'octobre 1967. Il verra que cela comporte au moins qu'on *l'ouvre*.

Quelqu'un d'autre encore me demande d'articuler le rapport de ce que j'ai appelé la colle à ce que Freud appelle la fixation à propos du refoulement. C'est d'ailleurs une personne qui ne se contente pas de m'envoyer cette question, mais qui a joint des textes. A vrai dire, elle ne me les a pas envoyés, elle me les a déposés, hier, chez moi.

Il s'agit de Christiane Rabant, qui a été touchée, me dit-elle, par ce qu'il m'est arrivé d'articuler à propos de la lettre d'amour.

Qu'est-ce qui est fixé? C'est *le désir*, qui pour être pris dans le procès du refoulement, se conserve en une permanence qui équivaut à l'indestructibilité.

C'est là un point sur lequel on est revenu jusqu'à la fin, sans en démordre.

C'est en quoi le désir contraste du tout au tout avec la mouvance de l'affect.

La perversion est là-dessus assez indicative, puisque la plus simple phénoménologie met assez en évidence la constance des fantasmes privilégiés.

Pourtant, si elle met sur la voie, depuis la nuit des temps, elle ne nous en livre pas l'entrée, puisqu'il a fallu Freud.

Il a fallu que Freud découvrit d'abord l'inconscient pour qu'il vînt à ordonner sur cette voie le catalogue descriptif de ces désirs, autrement dit: le *sort* des pulsions — comme je traduis *Tribschicksale*.

Ce qu'il s'agit de mettre en forme, c'est le lien de cette *fixation* du désir aux mécanismes de l'inconscient.

É precisamente a isso que me dediquei, posto que jamais pretendi superar Freud, como me acusa um de meus correspondentes, mas sim prolongá-lo.

Responderei aos outros na terceira 3ª feira de abril. Vocês ainda podem enviar-me perguntas. Isto não me cansa.

Há pessoas da Escola que querem fazer jornadas sobre o trabalho da dissolução. Sou a favor. Para isso, falem com Colette Soler, Michel Silvestre ou Eric Laurent. Digo isto aos membros da Escola.

18 de março de 1980
Jacques Lacan

C'est précisément ce à quoi je me suis employé, puisque je n'ai jamais prétendu *dépasser* Freud, comme me l'impute un de mes correspondants, mais le prolonger.

Je répondrai le troisième mardi d'avril aux autres. Des questions, vous pouvez m'en envoyer encore. Je ne m'en lasse pas.

Il y en a de l'École qui veulent faire des Journées sur le travail de la dissolution. Je suis pour. Voyez pour ça la nommée Colette Soler, Michel Silvestre, ou Eric Laurent. Je dis ça aux membres de l'École.

18 mars 1980

Jacques Lacan

LUZ !

“Faça-se a luz !”

E o que vocês crêem que aconteceu ? A luz se fez !

É certamente incrível que isto faça a entrada na escritura. É o que eu chamaria um sintoma-tipo do real.

Pois é justamente da luz em seu real que se fez a trilha da ciência. Não unicamente, é certo, mas entre outras coisas.

Vocês sabem também que a luz — a noção de sua velocidade, mais precisamente, é única em nos dar um absoluto mensurável do real. E no mesmo golpe se demonstra sua relatividade.

Que golpe de sorte para os crentes, o tal incrível ! Mas isso não lhes suscita necessariamente, sabe-se, um gosto particular pelas Luzes, no sentido de *Aufklärung*.¹⁵

Não se deixem impressionar demais por esse golpe de sorte. Para que vocês se recomponham, constatem só o que se esclarece *après-coup*: um desconhecimento total da diferença radical das “luminárias”, Lua e Sol, em relação à luz aludida.

O que mais me chateia é que a ênfase dada à palavra [*parole*] criativa vai no sentido do que eu penso.

Só que é uma aposta perdida atribuir à palavra o insuportável da luz. E isto não vai de modo algum no sentido do que eu penso.

O que o inconsciente demonstra é algo totalmente diferente, ou seja, que a palavra é obscurantista.

Atribuo defeitos demais à palavra para dispensá-la desse obscurantismo. É seu benefício mais evidente.

Já indiquei nos primeiros tempos do meu ensino a função, no trilhamento do simbólico, dessas luzinhas chamadas estrelas. As estrelas não dão muita luz. No entanto, é através delas que os homens se iluminam, o que lhes permitiu manifestarem a felicidade que experimentam pela noite transparente.

O obscurantismo próprio da palavra se duplica pela crença na Revelação que atribui a Deus o “faça-se a luz”. Quando isso se triplica de filantropia, e se quadruplica de progressismo, é a noite negra.

Quando as estrelas se apagam, dá nisso: “O desejo dos homens é socorrer-se uns aos outros para estarem melhor [*mieux-être*]”.

Recebi-o por correio. Eu pedira que me escrevessem: pois bem — bem feito para mim.

«Que la lumière soit ! »

Et que croyez-vous qu'il arrivât ? La lumière fut !

Il est proprement incroyable que cela fasse d'abord entrée dans l'écriture. Cela, c'est ce que j'appellerai un symptôme-type du réel.

Car c'est bien de la lumière dans son réel que s'est fait le frayage de la science. Pas seulement certes, mais entre autres.

Vous savez aussi que la lumière, la notion de sa vitesse précisément, est seule à nous donner du réel un absolu mesurable. Et c'est du même coup que s'en démontre la relativité.

Quel coup de pot pour les croyants que cet incroyable ! Pourtant, cela ne suscite pas forcément chez eux, on le sait, un goût particulier des Lumières, au sens *Aufklärung*.

Ne vous laissez pas trop impressionner par ce coup de pot. Pour vous en remettre, constatez seulement ce dont il s'éclaire *après-coup* : une totale méconnaissance de la différence radicale des «luminaires», Lune et Soleil, au regard de la dite lumière.

Ce qui m'embête le plus, c'est que l'accent mis sur la parole créative va dans mon sens.

Seulement, attribuer l'insupportable de la lumière à la parole est une gageure. Et ça, ne va pas du tout dans mon sens.

Ce que l'inconscient démontre est tout autre chose, à savoir que *la parole est obscurantiste*.

J'impute assez de méfaits à la parole pour lui rendre ici grâce de cet obscurantisme. C'est son bienfait le plus évident.

J'ai déjà pointé, aux premiers temps de mon enseignement, la fonction dans le frayage du symbolique de ces lucioles qu'on appelle les étoiles. Les étoiles ne donnent pas beaucoup de lumière. C'est pourtant d'elles que les hommes se sont éclairés, ce qui leur a permis de percer le bonheur qu'ils éprouvent de la nuit transparente.

L'obscurantisme propre à la parole se redouble de la croyance à la Révélation qui impute à Dieu le «que la lumière soit». Quand ça se triple de philanthropie, et se quadruple de progressismo, c'est nuit noire.

Quand les étoiles s'éteignent, ça donne ça : «Le désir des hommes est de se secourir les uns les autres pour mieux-être».

Je l'ai reçu par la poste. J'avais demandé qu'on m'écrive : eh bien, c'est bien fait pour moi.

(15) *Aufklärung* (alemão): esclarecimento, ilustração, civilização. Referência à primazia da razão, explicitada na frase pela alusão ao Século das Luzes (N. T.).

Devo dizer que nada havia pedido à pessoa que me escreveu isso, pela simples razão de que ela não vem há longo tempo ao meu seminário.

Françoise Dolto, pois trata-se dela, enviou-me uma cartinha que me distraiu durante estas férias, as quais, aliás, eu não tirei.

É uma cartinha "para dissipar o mal-entendido".

Ela me ama tanto, diz-me em resumo, que não pode suportar que a Escola seja dissolvida.

E por que, não adivinham? Porque a Escola sou eu. ↙

É seu axioma. De modo que, forçosamente, dissolver a Escola seria anular a mim mesmo. E isso é o que ela não quer.

Há um detalhe, é que sou eu quem dissolve a Escola. Isso não a detém, não há nada que a detenha.

Ela imagina que *eu me auto-destruo*. É por isso que, de acordo com seu princípio filantrópico, vem em meu socorro.

Estão vendo como tudo isso se sustenta. É lógico. Vê-se que não sacrifica nada à verossimilhança.

Se fosse exato, isso faria de mim um sujeito do tipo de Sócrates. Sócrates a desceu, a sua morte, e a obteve da mão daqueles mesmos sobre quem espalhou seus benefícios.

Isso não lhe foi, aliás, tão mal-sucedido, já que sua morte tornou-se exemplar.

Mas, felizmente para mim, eu não disse jamais que a Escola freudiana sou eu. Também poderia ter dito que... Madame Dolto sou eu.

Há gente, ao que parece, que acredita nisso. Bem, é um erro. Eu não me identifico em absoluto com Françoise Dolto, e muito menos com a Escola Freudiana. É isso o que me justifica precipitar-me ao trabalho para construir a causa freudiana.

O que existe já é suficiente para me *desidentificar* da Escola.

Não tive jamais outro objetivo quanto ao meu ensino senão o de mantê-lo em seu nível. Agora, faço o necessário para preservar o que ele é capaz de dar a aqueles que entram em seu sulco.

Mas meu ato já demonstra que o real que está em jogo na experiência não se limita, em princípio, só à subsistência da Sociedade psicanalítica.

A sagacidade de meu procedimento consiste nisso, não somente não excluo ninguém como, além disso, acolho os que chegam. ☹

Devo deplorar que meu signifiante se mostre apto para veicular qualquer gracejo? Estou muito satisfeito, pelo contrário, pois não disse outra coisa.

Mas enfim, a brincadeira é muito melhor quando é curta. Isso é o que me inspirou para abreviar o que, ao se acrescentar de mal-entendidos, estagnava em impasse — e até mesmo se petrificava como fraude.

Além de não me agradar, não tenho necessidade de anatemizar os que, com a injúria na boca, gritam que me amam, pela simples razão de que a fraude como tal é fonte de angústia.

Il faut dire qu'à la personne qui m'écrit ça, je n'avais rien demandé, pour la bonne raison qu'elle ne vient plus à mon séminaire depuis longtemps.

Françoise Dolto, puisque c'est d'elle qu'il s'agit, m'a envoyé comme ça une petite lettre, qui m'a donné de la distraction pendant ces vacances, que d'ailleurs, je n'ai pas prises.

C'est une petite lettre «pour dissiper le malentendu».

Elle m'aime tellement, dit-elle en substance, qu'elle ne peut supporter que l'Ecole soit dissoute.

Et pourquoi, je vous le donne en mille ? Parce que l'Ecole, *c'est moi*.

C'est son axiome. Alors, forcément, dissoudre l'Ecole, ce serait m'annuler, moi. Et c'est ce qu'elle ne veut pas.

Il y a une paille, c'est que c'est *moi* qui dissous l'Ecole. Ça ne l'arrête pas, et d'ailleurs, rien ne l'arrête.

Elle s'imagine que *je m'autodétruis*. C'est pourquoi, conformément à son principe philanthropique, elle vient à mon secours.

Vous voyez comme tout ça se tient. C'est logique. Cela se voit à ce que ça ne sacrifie rien à la vraisemblance.

Si c'était juste, ça ferait de moi un type du genre de Socrate. So-crate l'a désirée, sa mort, et obtenue de la main de ceux-là mêmes sur qui il avait répandu ses bienfaits.

Ça ne lui a pas si mal réussi d'ailleurs, puisque sa mort en est devenue exemplaire.

Mais heureusement pour moi, je n'ai jamais dit que l'Ecole freudienne, c'est moi. J'aurais aussi bien pu dire que... Madame Dolto, c'est moi.

Il y en a, paraît-il, qui le croient. Eh bien, c'est une erreur. Je ne m'identifie pas du tout à Françoise Dolto, et pas davantage à l'Ecole freudienne. C'est bien ce qui me justifie de m'atteler dare-dare à construire la Cause freudienne.

Ce qui en existe déjà suffit déjà à me *désidentifier* de l'Ecole. Je n'ai jamais eu d'autre visée quant à mon enseignement que de le maintenir à son niveau. Je fais maintenant ce qu'il faut pour préserver ce qu'il est capable de donner à ceux qui se mettent dans son sillage.

Mais déjà mon acte démontre que le réel en jeu dans l'expérience n'est pas limité, de principe, à la seule subsistance de la Société psychanalytique.

La finesse de mon procédé tient à ceci, que non seulement je n'exclus personne, mais encore que j'accueille le tout-venant.

Ai-je à déplorer que mon signifiant s'avère apte à véhiculer n'importe quelle blague ? J'en suis comblé, bien au contraire, puisque je ne dis pas autre chose.

Mais enfin, la plaisanterie est d'autant meilleure qu'elle est courte. C'est ce qui m'a inspiré d'abrégé ce qui, s'agrégeant de malentendus, stagnait en impasse, voire se pétrifiait comme fraude.

Outre que je n'en ai pas le goût, je n'ai pas besoin d'anathémiser ceux qui me crient qu'ils m'aiment, l'injure à la bouche, pour la bonne raison que la fraude *comme telle* est source d'angoisse.

Se não sempre para seus agentes, ou suas vítimas, o é para seus descendentes.

É por isso que tenho mau augúrio sobre o que farão aqueles em quem espetei o termo falsários, e não me preocupo muito com isso.

A experiência psicanalítica dá um lugar eminente à função do engano, ao sustentar-se no sujeito suposto saber. Isto é o que explica o fato de não haver retorno, caso o engano vire fraude.

No decorrer do que lhes disse, teci minhas respostas a vários dos que me escreveram, que se reconhecerão.

Há ainda alguém que me pergunta se eu por acaso não imaginaria ser infalível.

Não sou daqueles que recuam diante do motivo de sua certeza. Isso é o que me permitiu romper com o que se havia congelado da prática de Freud numa tradição que claramente obstruía toda transmissão. Aí inventei o que tornou a abrir-lhes um acesso a Freud, o qual não quero ver fechar-se.

Não terei a pretensão de reconhecer-me como infalível, mas, como todo mundo, que o seja no nível da verdade que fala — e não do saber.

Eu não me considero o sujeito do saber. A prova — é preciso recordá-lo — é que o sujeito suposto saber, fui eu que inventei isso, e precisamente para que o psicanalista, o que é o mais comum, pare de se crer, quero dizer, idêntico a ele.

O sujeito suposto saber não é todo mundo, nem ninguém. Não é *todo sujeito*, mas tampouco é um sujeito *nomeável*. É *algum sujeito*. É o visitante da noite, ou melhor, é da natureza do signo traçado sobre a porta por uma mão de anjo. Mais seguro de existir por não ser ontológico, e por vir não se sabe de bonde¹⁶

Aguardo vocês aqui na segunda terça-feira de maio.

15 de abril de 1980.
Jacques Lacan

Sinon toujours chez ses agents, ou chez ses victimes, mais chez ses descendants.

C'est pourquoi j'augure mal de ce que feront ceux que j'ai épinglés du terme de faussaires, et que je ne m'en soucie pas davantage.

L'expérience psychanalytique donne une place éminente à la fonction de la tromperie, de se supporter du sujet supposé savoir. C'est ce qui explique que si la tromperie vire à la fraude, on n'en revient pas.

J'ai tissé dans le cours de ce que je vous ai dit mes réponses à plusieurs de ceux qui m'ont écrit, et qui se reconnaîtront.

Il y a encore quelqu'un qui me demande si je ne m'imaginerais pas par hasard *être infaillible*.

Je ne suis pas de ceux qui reculent devant le sujet de leur certitude. C'est ce qui m'a permis de rompre avec ce qui s'était gelé de la pratique de Freud dans une tradition dont il est clair qu'elle tamponnait toute transmission. Là, j'ai inventé, ce qui vous a rouvert un accès à Freud, que je ne veux pas voir se fermer.

Je ne ferai pas la fine bouche à me reconnaître infaillible, mais comme tout le monde, soit au niveau de la vérité qui parle, et non du savoir.

Je ne me prends pas pour le sujet du savoir. La preuve en est — il faut bien que je le rappelle — que le sujet supposé savoir, c'est moi qui ai inventé ça, et précisément pour que le psychanalyste, dont c'est le naturel, cesse de *se croire*, je veux dire identique à lui.

Le sujet supposé savoir n'est pas tout le monde, ni personne. Il n'est pas *tout sujet*, mais pas non plus un sujet *nommable*. Il est *quelque sujet*. C'est le visiteur du soir, ou mieux, il est de la nature du signe tracé d'une main d'ange sur la porte. Plus assuré d'exister de n'être pas ontologique, et à venir d'on ne sait *zou*.

Je vous donne rendez-vous ici le second mardi de mai.

15 avril 1980
Jacques Lacan

(16) "... não se sabe de bonde" [*on ne sait zou*] — provável jogo de palavras com *on ne sait d'où* (não se sabe de onde), sendo *zou* expressão onomatopaica francesa, regional, que significa: rápido; vamos (N.T.).

O MAL-ENTENDIDO

Não quis deixá-los sem retomar isto — uma vez mais.

Não somente me disse que lhes devia um adeus por me haverem assistido este ano, por assistirem este seminário no qual não os cuidei.

Há ainda outra razão para este adeus: é que me vou, vejam só, à Venezuela.

Esses latino-americanos, como se diz, que jamais me viram, ao contrário dos que estão aqui, e nem me escutaram ao vivo, bem, isso não os impede de ser lacanos [lacano].

Parece que isso antes os ajuda. Eu me transmiti lá através do escrito; e parece que dei frutos. Em todo caso, eles o crêem.

Certamente é o futuro. E é o que, ir lá ver, me interessa.

Interessa-me ver o que acontece quando minha pessoa não opacifica o que ensino. É bem possível que meu matema ganhe por lá.

Nada impede, se isso me agrada, que eu fique por lá, na Venezuela. Vêm porque queria dizer-lhes adeus.

Vocês não têm idéia do número de pessoas às quais isso chateia, que eu chegue lá, e que tenha convocado meus lacano-americanos. Isso chateia aqueles que se ocuparam tão bem de me representar, que basta com que eu me apresente para que eles percam o pé nos pedais.

Vou então instruir-me por lá, mas evidentemente vou regressar.

Vou regressar porque minha prática é aqui — e este seminário, que não é da minha prática, mas a complementa. ←

Este seminário, eu o tenho menos do que ele me tem.

É por hábito que ele me tem? Certamente não, pois é pelo mal-entendido. E não está pronto para acabar, precisamente porque não me habituo com esse mal-entendido.

Sou um traumatizado pelo mal-entendido. Como não me acostumo a ele, eu me esforço para dissolvê-lo. E, de súbito, eu o alimento. Isso é o que se chama o seminário perpétuo.

Não digo que o verbo seja criador. Digo uma coisa bem diferente, porque minha prática a implica: digo que o verbo é inconsciente, ou seja, mal-entendido.

Se crêem que tudo pode ser revelado, bem, vocês se dão mal: não pode. Isso quer dizer que uma parte não se revelará jamais.

É precisamente disso que a religião se gaba. E é o que dá sua muralha à Revelação, da qual se vale para explorá-la.

Quanto à psicanálise, sua exploração consiste em explorar o mal-entendido. Com uma revelação, ao final, que é de fantasma.

Isso é o que lhes passou [refilé] Freud. E que filão [filon]!, tenho que dizer. Tantos quantos vocês são, que são vocês senão mal-entendidos?

Le malentendu

Je n'ai pas voulu vous quitter sans remettre ça — encore une fois.

Ce n'est pas seulement que je me suis dit que je vous devais bien un au revoir, pour m'avoir cette année assisté, d'assister à ce séminaire où je ne vous ai pas ménagés.

Il y a encore une raison autre à cet au revoir : c'est que je m'en va, comme ça, au Venezuela.

Ces latino-américains, comme on dit, qui ne m'ont jamais vu, à la différence de ceux qui sont ici, ni entendu de voix vive, eh bien, ça ne les empêche pas d'être lacano.

Il semble que ça les y aide plutôt. Je me suis transmis là-bas par l'écrit, et il paraît que j'y ai fait souche. En tout cas, le croient-ils.

Il est sûr que c'est l'avenir. Et c'est en quoi, d'y aller voir, m'intéresse.

M'intéresse de voir ce qui se passe quand ma personne n'é-crante pas ce que j'enseigne. Peut-être bien que mon mathème y gagne.

Rien ne dit que si ça me plaît, je n'y resterai pas, au Venezuela. Vous voyez pourquoi je voulais vous dire au revoir. J

Vous n'avez pas idée du nombre de gens que çaembête, que je me pointe là-bas, et que j'y ai convoqué mes lacano-américains. Ça embête ceux qui s'étaient si bien occupés à me représenter qu'il suffit que je me présente pour qu'ils en perdent les pédales.

Je vais donc m'instruire là-bas, mais évidemment je vais revenir.

Je vais revenir parce que ma pratique est ici — et ce séminaire, qui n'est pas de ma pratique, mais qui la complète. Ce séminaire, je le tiens moins qu'il ne me tient. Est-ce par l'habitude qu'il me tient ? Sûrement pas, puisque c'est par le malentendu. Et il n'est pas prêt de finir, précisément parce que je ne m'y habitue pas, à ce malentendu.

Je suis un traumatisé du malentendu. Comme je ne m'y fais pas, je me fatigue à le dissoudre. Et du coup, je le nourris. C'est ce qui s'appelle le séminaire perpétuel.

Je ne dis pas que le verbe soit créateur. Je dis tout autre chose parce que ma pratique le comporte : je dis que le verbe est inconscient — soit malentendu.

Si vous croyez que tout puisse s'en révéler, eh bien, vous vous mettez dedans : tout ne peut pas. Cela veut dire qu'une part ne s'en révélera jamais.

C'est précisément ce dont la religion se targue. Et c'est ce qui donne son rempart à la Révélation dont elle se prévaut pour l'exploiter.

Quant à la psychanalyse, son exploit, c'est d'exploiter le malentendu. Avec, au terme, une révélation qui est de fantasme.

C'est ce que vous a refile Freud. Quel filon, il faut le dire. Tous autant que vous

O chamado Otto Rank chegou perto ao falar do trauma do nascimento. De trauma, não há outro: o homem nasce mal-entendido.

Posto que me interrogam sobre o estatuto do corpo, já chego para sublinhar que este só se apreende por aí.

O corpo só aparece no real como mal-entendido.

Sejamos aqui radicais: seu corpo é fruto de uma linhagem da qual boa parte de suas [vos] desgraças provém de que ela já nadava no mal-entendido o máximo que podia.

Ela nadava pela simples razão de que ser-falaria¹⁷ a quem fizesse melhor.

É o que lhes transmitiu "dando-lhes a vida", como se diz. É disso que vocês herdaram. E é o que explica o mal-estar de vocês dentro de sua pele, quando é o caso.

O mal-entendido já está desde antes. Na medida em que desde antes deste belo legado vocês fazem parte [*vous faites partie*], ou melhor, participam [*vous faites part*] do balbucio dos seus ascendentes.

Não é preciso que vocês mesmos balbuciem. Desde antes, o que os sustenta a título de o inconsciente, ou seja, do mal-entendido, tem aí suas raízes.

Não há outro trauma do nascimento senão o de nascer como desejado. Desejado ou não — é a mesma coisa, já que é pelo ser-falante¹⁸.

O ser-falante em questão reparte-se, geralmente, em dois falantes. Dois falantes que não falam a mesma língua. Dois que não se escutam falar. Dois que não se escutam, simplesmente. Dois que se conjuram para a reprodução, mas por um mal-entendido consumado que seu corpo veiculará com tal reprodução.

Admito que a linguagem possa servir para uma comunicação sensata. Não digo que seja o caso deste seminário. Pela simples razão de que a comunicação sensata é o diálogo e, no que se refere ao diálogo, não sou bem dotado.

Acrescento que não considero a comunicação científica um diálogo, posto que não-sensata, o que é sua vantagem.

O diálogo é raro. No que tange à produção de um novo corpo falante, é tão raro que de fato está ausente. Não o está a princípio, mas o princípio se inscreve unicamente na simbólica [*la symbolique*].

É o caso, por exemplo, do chamado princípio da família.

Sem dúvida, isso sempre foi pressentido. O bastante para que o inconsciente fosse tomado como saber de Deus.

O que distingue, no entanto, o saber chamado inconsciente do saber de Deus é que este último era considerado o de nosso bem.

O que não é sustentável. Daí a pergunta que coloquei: Deus crê em Deus?

Como de costume, quando faço uma pergunta, trata-se de uma pergunta-resposta.

(17) *parlêtrait* — condensação lacaniana de *parlant* (falante) e *être* (ser), com que produz o seu *parlêtre* (ser-falante), aqui conjugado como "ser-falaria" (N.T.).

(18) *parlêtre* — ver nota anterior (N.T.).

Le nommé Otto Rank en a approché en parlant du traumatisme de la naissance. De traumatisme, il n'y en a pas d'autre : L'homme naît malentendu.

Puisqu'on m'interroge sur ce qu'on appelle le statut du corps, j'y viens, pour souligner qu'il ne s'attrape que de là.

Le corps ne fait apparition dans le réel que comme malentendu.

Soyons ici radicaux : votre corps est le fruit d'une lignée dont une bonne part de vos malheurs tient à ce que déjà elle nageait dans le malentendu tant qu'elle pouvait.

Elle nageait pour la simple raison qu'elle parlêtrait à qui mieux-mieux.

C'est ce qu'elle vous a transmis en vous «donnant la vie», comme on dit. C'est de ça que vous héritez. Et c'est ce qui explique votre malaise dans votre peau, quand c'est le cas.

Le malentendu est déjà d'avant. Pour autant que dès avant ce beau legs, vous faites partie, ou plutôt vous faites part du bafouillage de vos ascendants.

Pas besoin que vous bafouilliez vous-même. Dès avant, ce qui vous soutient au titre de l'inconscient, soit du malentendu, s'enracine là.

Il n'y a pas d'autre traumatisme de la naissance que de naître comme désiré. Désiré, ou pas — c'est du pareil au même, puisque c'est par le parlêtre.

Le parlêtre en question se répartit en général en deux parlants. Deux parlants qui ne parlent pas la même langue. Deux qui ne s'entendent pas parler. Deux qui ne s'entendent pas tout court. Deux qui se conjurent pour la reproduction, mais d'un malentendu accompli, que votre corps véhiculera avec la dite reproduction.

J'admets que le langage puisse servir à une communication sensée. Je ne dis pas que ce soit le cas de ce séminaire. Pour la bonne raison que la communication sensée, c'est le dialogue, et que côté dialogue, je ne suis pas gâté.

J'ajoute que je ne tiens pas la communication scientifique pour un dialogue, puisque non-sensée, ce qui est à son avantage.

Le dialogue est rare. Pour ce qui est de la production d'un corps nouveau de parlant, il est si rare qu'il est absent de fait. Il ne l'est pas de principe, mais le principe ne s'inscrit que dans la symbolique.

C'est le cas du principe dit de la famille, par exemple.

Sans doute ceci a-t-il été pressenti de toujours. Assez pour que l'inconscient ait été tenu pour le savoir de Dieu.

Ce qui néanmoins distingue le savoir dit inconscient du savoir de Dieu, c'est que celui-ci était censé celui de notre bien.

C'est ce qui n'est pas soutenable. D'où la question que j'ai posée, Dieu croit-il en Dieu ?

Comme d'habitude quand je pose une question, c'est une question-réponse.

Faça bem,

Alguém me chamou a atenção para o fato de que o seminário deste ano não tinha título. É verdade. Vocês já verão porquê. O título é: Dissolução!

Evidentemente, não poderia tê-lo dito a vocês em novembro, pois meu efeito teria falhado. Pode-se dizer que é um significante que os prendeu. Consegui interessá-los de tal forma que não há nada mais além disso.

Alguém me recrimina porque não o faço muito a seu gosto. Está em seu direito, porque ele não vem a mim. É o contrário: tem a bondade de acolher-me quando não estou longe.

Então, forçosamente, o escuto. Ele quer um ritmo mais continuado, e eu estou de acordo. É do que cuidarei — depois do verão.

A Causa freudiana começa a existir por si só, pelo fato de ser invocada [*qu'on s'en réclame*], o que quer dizer que já se fez propaganda [*une réclame*] dela.

O que bastaria agora? — um correio, um pequeno boletim que faça o enlace. Éric Laurent haverá de querer lançar-se ao trabalho para que isso exista, e para que os novos cartéis, que abundam, se façam conhecer.

10 de junho de 1980.

Jacques Lacan

Voilà.

On m'a fait remarquer que le séminaire de cette année n'était pas intitulé. C'est vrai. Vous allez tout de suite voir pourquoi. Le titre est : Dissolution !

Evidemment, je ne pouvais pas vous le dire en novembre, parce que mon effet aurait été manqué. On peut dire que c'est un signifiant qui vous a accrochés. J'ai tellement bien réussi à vous y intéresser, qu'il n'y en a plus que pour ça.

Quelqu'un me fait des remontrances parce que j'en fais pas assez à son gré. Il en a le loisir parce qu'il ne vient pas chez moi. C'est le contraire : il a la bonté de m'accueillir chez lui quand je ne suis pas ailleurs.

Alors, forcément, je l'écoute. Il souhaite un rythme plus soutenu, et j'en suis bien d'accord. C'est à quoi je veillerai — après l'été.

La Cause freudienne commence à exister toute seule, du fait qu'on s'en réclame, ce qui veut dire qu'on s'en fait déjà une réclame.

Il suffit maintenant de quoi ? — d'un courrier, d'un petit bulletin, qui fasse liaison. Éric Laurent voudra bien s'atteler à ce que ça existe, et à ce que les nouveaux cartels, qui foisonnent, se fassent connaître.

10 juin 1980

Jacques Lacan

Seminário de Caracas, 12 de Julho de 1980

Tradução e edição do texto: JOSÉ MARCUS DE CASTRO
MATTOS

Tenho paciência – a prova é que esperei meus oitenta anos para vir à Venezuela –; e vim porque me disseram ser este o lugar favorável para convocar meus alunos da América Latina.

Não o prejudgo, porque meus educandos, tenho eu mesmo o hábito de educá-los – e nem sempre isso dá bons resultados...

Vocês não ignoram os problemas que tive com minha escola e eu os resolvi como se deve: cortando o mal pela raiz, quer dizer, desenraizando minha pseudo-escola; tudo o que obtive depois me confirma que fiz bem, mas isso já é história passada.

Em Paris costumo falar a um auditório de pessoas conhecidas, por virem me visitar em minha casa, na qual faço a minha prática.

Parece-me que vocês são meus leitores – e o são tanto mais quanto jamais os vi me ouvir...

Evidentemente, estou curioso pelo que pode vir de vocês; por isso, obrigado por terem atendido ao meu convite.

Entretanto, é preciso que eu agradeça àqueles que tiveram a ideia deste encontro – especialmente, à DIANA RABINOVITCH; estendo com prazer este agradecimento a CARMEN OTERO e a seu marido MIGUEL (nos quais confio por tudo o que ocorrerá neste congresso).

Aqui estou antes de lançar minha 'Causa Freudiana'; sou freudiano; por isso, creio ser bem-vindo lhes dizer algumas palavras sobre o debate que mantenho com Freud há algum tempo; vou lhes resumir isso.

Le séminaire de Caracas 12 au 15 juillet 1980

Je n'ai pas la bougeotte. La preuve en est que j'ai attendu ma quatre-vingtième année pour venir au Venezuela. J'y suis venu parce qu'on m'a dit que c'était le lieu propice pour que j'y rencontre mes élèves d'Amérique Latine.

Est-ce que vous êtes mes élèves ? Je ne le préjuge pas. J'ai l'habitude de les élever moi-même.

Ca ne donne pas toujours des résultats merveilleux.

Vous n'êtes pas sans savoir les problèmes que j'ai eu avec mon École à Paris. Je l'ai résolu comme il faut – en le prenant à la racine. Je veux dire en déracinant ma pseudo-Ecole. Tout ce que j'en ai depuis obtenu me confirme que j'ai bien fait. Mais c'est déjà de l'histoire ancienne.

A Paris, j'ai coutume de parler à un auditoire où beaucoup de têtes me sont connues pour être venues me visiter chez moi, 5 rue de Lille, où est ma pratique.

Vous, vous êtes paraît-il, de mes lecteurs. Vous l'êtes d'autant plus que je ne vous ai jamais vu m'entendre.

Alors évidemment je suis curieux de ce qui peut me venir de vous.

C'est pourquoi je vous dis : Merci, merci d'avoir répondu à mon invitation.

Vous y avez du mérite, puisque plus d'un s'est mis en travers du chemin de Caracas. Il y a apparence, en effet, que cette Rencontre embête beaucoup de gens, et en particulier ceux qui font profession de me représenter sans me demander mon avis. Alors quand je me présente, forcément, ils en perdent les pédales.

Il faut par contre que je remercie ceux qui ont eu l'idée de cette Rencontre, et nommément Diana Rabinovitch. Je lui associe volontiers Carmen Otero et son mari Miguel, à qui j'ai fait confiance pour tout ce qui va avec un tel Congrès. C'est grâce à eux que je me sens ici chez moi.

Je viens ici avant de lancer ma Cause freudienne. Vous voyez que je tiens à cet adjectif. C'est à vous d'être lacaniens, si vous voulez. Moi, je suis freudien.

C'est pourquoi je crois bienvenue de vous dire quelques mots du débat que je soutiens avec Freud, et pas d'aujourd'hui.

Pois bem, meus três não são os de vocês. Meus três são o real, o simbólico e o imaginário. Situei-os numa topologia – a do nó dito borromeano, o qual coloca em evidência a função do ao-menos-três: aquele um ata os outros desatados.

Dei isso aos meus; dei-lhes para que o reencontrem na prática – mas será que o reencontrarão melhor do que na tópica legada por Freud aos seus?

É preciso dizê-lo: o que Freud esboçou com sua tópica (dita segunda) é muito desajeitado; imagino que era para se fazer entender, dados os limites de seu tempo; mas, de preferência, não podemos nos aproveitar do que lá é representado, aproximando-o de meu nó?

Consideremos o saco-flácido que se apresenta como laço do Isso [Es] no artigo Das Ich und das Es; este saco seria o continente das pulsões – que ideia bizarra! Isto se justifica se tomarmos as pulsões como pequenas bolas que são expulsas dos orifícios do corpo depois de se ter feito a ingestão... Acima se desenha um Eu [Ich] no qual parece preparado o pontilhado de colunas que serve para fazer a conta; mas isto não deixa menos embaraçado o que o mesmo penteia com um esquisito olho perceptivo em que para muitos se lê também a pinta germinal de um embrião de vitelo.

Ainda não é tudo... A caixa registradora de algum aparelho tipo Marey está aqui como complemento. Isto diz muito da dificuldade da referência ao real...

Enfim, duas barras hachuram por sua junção a relação deste conjunto barroco com o próprio saco de bolinhas – eis o que é designado como recalado.

Voilà : mes trois ne sont pas les siens. Mes trois sont le réel, le symbolique et l'imaginaire. J'en suis venu à les situer d'une topologie, celle du nœud, dit borroméen.

Le nœud borroméen met en évidence la fonction de l'au moins trois. C'est celui qui noue les deux autres dénoués.

J'ai donné ça aux miens. Je leur ai donné ça pour qu'ils se retrouvent dans la pratique. Mais s'y retrouve-t-il mieux que de la topique léguée par Freud aux siens ?

Il faut le dire : ce que Freud a dessiné de sa topique, dite seconde, n'est pas sans maladresse. J'imagine que c'était pour se faire entendre sans doute des bornes de son temps.

Mais ne pouvons-nous pas plutôt tirer profit de ce qui figure là l'approche de mon nœud ?

Qu'on considère le sac flasque à se produire comme lien du Ca dans son article à se dire : Das Ich und das Es.

Ce sac, ce serait le contenant des pulsions. Quelle idée saugrenue que de croquer ça ainsi ! Cela ne s'explique qu'à considérer les pulsions comme des billes, à expulser des orifices du corps, après avoir fait une ingestion.

Là-dessus se broche un Ego, où semble préparé le pointillé de colonnes à en faire le compte. Mais cela n'en laisse pas moins embarrassé à ce que le même se coiffe d'un bizarre œil perceptif, où pour beaucoup se lit aussi bien la tache germinale d'un embryon sur le vitellus.

Ce n'est pas tout encore. La boîte enregistreuse de quelque appareil à la Marey est ici de complément. Cela en dit long sur la difficulté de la référence au réel.

Enfin deux barres hachurent de leur joint la relation de cet ensemble baroque au sac de bille lui-même. Voilà qui est désigné du refoulé.

Isto causa perplexidade; digamos que não é o que Freud fez de melhor; é preciso mesmo confessar que não é em benefício da pertinência de seu pensamento o que isso pretende traduzir.

Que contraste com a definição que Freud nos dá das pulsões como ligadas aos orifícios do corpo!

Aí está uma fórmula luminosa que impõe outra representação desta garrafa; alguém pode ser a sua rolha.

Não é, – de preferência, como me ocorreu dizer –, a Garrafa de Klein, sem dentro nem fora? Ou ainda, – apenas, por que não? – o Toro?

Contento-me em observar que o silêncio atribuído ao Isso [Es], como tal, supõe a parolagem (a qual conta com o ouvido) – a parolagem, a ser traduzido assim, do 'desejo indestrutível' –; o desenho freudiano é desnorteante por oscilar do próprio campo do simbólico que o ausculta; no entanto, é notável que esse embaraço não tenha impedido Freud de voltar em seguida às indicações mais impressionantes da prática da análise e – principalmente – suas construções.

(Devo encorajar-me a lembrar que com minha idade Freud ainda não morrerá?)

É claro que meu nó [borromeano] não diz tudo – sem o qual, no entanto, eu não teria chance de me situar no que há –; porque há não-tudo [pas-tout], como digo; não-tudo, certamente do real que abordo em minha prática.

Observem que em meu nó o real permanece constantemente representado pela reta-infinita, ou seja, pelo círculo não-fechado que

Cela laisse perplexe. Disons que ce n'est pas ce que Freud a fait de mieux. Il faut même avouer que ce n'est pas en faveur de la pertinence de la pensée que cela prétend traduire. Quel contraste avec la définition que Freud donne des pulsions, comme liées aux orifices du corps. C'est là une formule lumineuse, qui impose une autre figuration que cette bouteille. Quelqu'en puisse être le bouchon.

N'est-ce pas plutôt, comme il m'est arrivé de le dire, bouteille de Klein, sans dedans ni dehors? Ou encore, seulement, pourquoi pas le tore?

Je me contente de noter que le silence attribué au Ça comme tel, suppose la parlotte. La parlotte à quoi s'attend l'oreille, celle du « désir indestructible » à s'en traduire.

Il est remarquable pourtant que ce brouillage n'ait pas empêché Freud de revenir après ça aux indications les plus frappantes sur la pratique de l'analyse, et nommément ses constructions.

Dois-je m'encourager à me souvenir qu'à mon âge Freud n'était pas mort.

Bien sûr, mon nœud ne dit pas tout. Sans quoi je n'aurais même pas la chance de me repérer dans ce qu'il y a : puisqu'il n'y a, dis-je, pas-tout. Pas-tout sûrement dans le réel, que j'aborde de ma pratique.

Remarquez que dans mon nœud, le réel reste constamment figuré de la droite infinie, soit du cercle non fermé

ela supõe; é isso que se mantém para que ele não possa ser admitido senão como não-tudo [pas-tout].

O surpreendente é que o número nos seja fornecido na própria 'língua' [lalangue], com o que ela veicula do real.

Por que não admitir que a paz sexual dos animais – a julgar por aquele que dizem ser o rei deles – sustenta o fato de que o número não se introduz em sua linguagem [na dos animais], seja ela qual for? Sem dúvida, adestramento pode aparentar isso.

Mas, quem sabe o que fazer do corpo do ser-falante [parlêtre], senão apertá-lo mais ou menos de perto? O que o Outro [À: Autre-barrée] chega a dizer – e mais ainda quando quer bem? – Ele diz 'Abraça-me forte' (bobo como 'benzinho' na cópula).

Não importa quem o sabe fazer melhor – digo não importa quem –, uma rã, por exemplo.

Há um quadro que perdura em minha cabeça há muito tempo (encontrei o nome de seu autor, não sem as dificuldades próprias à minha idade): é de Bramantino; pois bem, a pintura é feita para testemunhar a nostalgia de que uma mulher não seja uma rã – que lá está colocada de costas, no primeiro plano do quadro –; o que mais me impressiona é que a Virgem (com a criança), ora, há nela alguma coisa como que a sombra de uma barba, assemelhando-a então a seu filho [Jesus] tal como ele o será quando adulto; sim, a representação de Madona é mais complexa do que se imagina e isso chama a minha atenção...

Mas me situo melhor do que Freud no real interessado no que diz respeito ao Inconsciente, pois o gozo do corpo faz obstáculo ao encontro do Inconsciente – daí meus matemias, os quais procedem do

quelle suppose. C'est ce dont se maintient qu'il puisse être admis que comme pas-tout.

Le surprenant est que le nombre nous soit fourni dans lalangue même. Avec ce qu'il véhicule du réel.

Pourquoi ne pas admettre que la paix sexuelle des animaux, à m'en prendre à celui qu'on dit être leur roi, le lion, tient à ce que, le nombre ne s'introduit pas dans leur langage, quel qu'il soit. Sans doute le dressage peut-il en donner apparence. Mais rien que ça.

La paix sexuelle veut dire qu'on sait quoi faire du corps de l'Autre. Mais qui sait que faire d'un corps de parlêtre ? – hormis le serrer plus ou moins près ?

Qu'est-ce que l'Autre trouve à dire, et encore quand il veut bien ? Il dit : « Serre moi fort ». Bête comme chou pour la copulation. N'importe qui sait y faire mieux. Je dis n'importe qui- une grenouille par exemple.

Il y a une peinture qui me trotte dans la tête depuis longtemps. J'ai retrouvé le nom propre de son auteur, non sans les difficultés propres à mon âge. Elle est de Bramantino. Eh bien, cette peinture est bien faite pour témoigner de la nostalgie qu'une femme ne soit pas une grenouille, qui est mise là sur le dos, au premier plan du tableau.

Ce qui m'a frappé le plus dans ce tableau, c'est que la Vierge, [la Vierge à l'enfant](#), y a quelque chose comme l'ombre d'une barbe. Moyennant quoi elle ressemble à son fils, tel qu'il se peint en adulte.

La relation figurée de la Madone est plus complexe qu'on ne le pense. Elle est d'ailleurs mal supportée.

Ca me tracasse. Mais reste que je m'en situe, je crois mieux que Freud, dans le Réel intéressé à ce qu'il en est de l'inconscient.

Car la jouissance du corps fait point à l'encontre de l'inconscient.

D'où mes mathèmes, qui procèdent de ce

fato de que o simbólico seja o lugar do Outro [Å] (embora não haja Outro do Outro).

Por consequência, o que a 'alíngua' [lalangue] pode fazer de melhor é colocar-se a serviço da Pulsão-de-Morte [Todestrieb] – esta é uma ideia genial de Freud, quer dizer, é também uma ideia grotesca.

Contudo, o mais importante é que se trata de uma ideia que confirma o seguinte: a 'alíngua' [lalangue] só é eficaz ao passar pelo escrito.

É enfim o que os meus matemas me inspiram, se é que se pode falar de inspiração em relação a meu trabalho – que me custou vigílias nas quais sequer uma musa [une muse] me visitou, embora seja preciso crer que isso me diverte [m'a muse].

Freud tem a ideia de que a Pulsão-de-Morte [Todestrieb] é explicável pelo deslocamento o mais baixo possível do umbral tolerado de tensão pelo corpo: trata-se daquilo que ele nomeia de 'além do Princípio-de-Prazer' [Jenseits des Lustprinzips], ou seja, do prazer de corpo.

É preciso dizer com clareza que é propriamente em Freud que há o índice de um pensamento mais delirante do que qualquer daqueles com os quais eu tenha compartilhado – são vocês, com suas presenças, que fazem com que eu lhes ensine isso.

Pois bem. Declaro aberto o seminário que *incide sobre o que lhes ensinei.*

que le symbolique soit le lieu de l'Autre, mais qu'il n'y ait pas d'Autre de l'Autre.

Il s'ensuit que ce que lalangue peut faire de mieux, c'est de se démontrer au service de l'instinct de mort.

C'est là une idée de Freud. C'est une idée géniale. Ça veut dire aussi que c'est une idée grotesque.

Le plus fort, c'est que c'est une idée qui se confirme de ceci, que lalangue n'est efficace que de passer à l'écrit.

C'est ce qui m'a inspiré mes mathèmes- pour autant qu'on puisse parler d'inspiration pour un travail qui m'a coûté des veilles où pas une muse que je sache ne m'a visité –mais il faut croire que *ça m'amuse.*

Freud a l'idée que l'instinct de mort s'explique par le déplacement au plus bas du seuil toléré de tension par le corps. C'est ce que Freud nomme d'un au-delà du principe de plaisir - c'est-à-dire du plaisir du corps.

Il faut bien dire que c'est tout de même chez Freud l'indice d'une pensée plus délirante qu'aucune de celles dont j'ai jamais fait part.

Car bien entendu, je ne vous dis pas tout. C'est là mon mérite.

Voilà.

Je déclare ouverte cette Rencontre, qui porte sur ce que j'ai enseigné.

C'est vous, par votre présence, qui faites que j'ai enseigné quelque chose.